

EM QUE CORPOS FICOU PERDIDA A MINHA FACE? A relação com o passado nas narrativas contemporâneas sobre o amor

*Fernanda Cupolillo Miana FARIA*⁵⁸

RESUMO: O presente trabalho intenciona investigar o esquecimento na narrativa de casos amorosos vivenciados pelas celebridades, e o apagamento das marcas das histórias compartilhadas. Pretende-se também perceber em que medida essa tentativa de apagamento tem relação com a constituição de novas conjugalidades contemporaneamente, baseadas em uma troca constante de parceiros amorosos.

PALAVRAS-CHAVE: celebridade; rede amorosa; esquecimento.

ABSTRACT: The present work intends to investigate the carelessness in the narrative of love's cases lived by celebrities, and the extinction in shared histories marks. We also aim to perceive how this extinction is related to a constitution of new contemporary unions, based on constant exchanges of love pairs.

KEYWORDS: celebrity; love net; extinction.

Vejo pequenos detalhes específicos de cada coisa que me comovem e sinto saudades deles depois. Não se pode substituir ninguém porque todo mundo é uma soma de pequenos e belos detalhes. Lembro que a sua barba tem fios avermelhados e que o sol as fez brilhar naquela manhã, um pouco antes de você partir. Lembrei disso e senti saudades⁵⁹.

Qual o lugar do passado?

A fala que Celine dirige a Jesse, no filme *Antes do Pôr do Sol*, lembrando as poucas e intensas horas em que estiveram juntos, nove anos antes, se deslocada para o contexto atual das narrativas amorosas que acompanhamos na mídia, parece soar, de algum modo,

⁵⁸ Mestre e doutoranda em Comunicação no PPGCOM/UFF. Desenvolve pesquisa sobre o papel das celebridades na reconfiguração dos laços amorosos na contemporaneidade. Orientador: Maria Paula Sibilá. Email: fernanda.cupolillo@gmail.com

⁵⁹ Fala da personagem Celine, extraída do filme *Antes do Pôr do Sol*. Referência completa, ver bibliografia.

anacrônica. Poucas vezes esbarramos, no que diz respeito aos discursos repetidos pelos indivíduos que frequentam espaços privilegiados de visibilidade, em falas fixadas em um passado – que se quer, a todo custo, removido da sua condição de passado. A frase-jargão, que parece ornamentar com um toque de sabedoria as declarações de alguns autoproclamados experts em relacionamentos, não nos deixa esquecer: *O que passou, passou*. Se quer fazer crer que não deixamos nada para trás, nem mesmo ele, passado, que, como nós, parece caminhar em direção a um presente invadido de futuro.

O passado serve-nos, em toda a sua *desutilidade*, quando passagem, portal que empurra para o presente, que mostra o caminho que se deve percorrer para se chegar a algum lugar. Dizem-nos também, com certa frequência, que passados têm de ser superados e as pessoas que não queremos presentes, enterradas, ainda que vivas, em um lugar que não se visite. Passados são espécies de não lugares que parecem não merecer muito de nossa atenção, tendo que absorver, sem impor resistência, todo o espectro de dores vividas e ainda por viver. Algo como um depósito – que se deseja invisível – de tralhas, sucatas e inutilidades.

Nas redes amorosas que vemos se fazer e refazer nas variadas telas pelas quais transitamos, com histórias de encontros, na maioria das vezes breves (e até instantâneos), entre pessoas estranhamente íntimas com as quais convivemos à distância, uma nova forma de se lidar com as perdas amorosas parece estar em curso. As perdas não aparecem discursivamente como tais, senão como passagens de um momento de suposta plenitude a outro. A fala é econômica, quando não lacônica, em torno do que se deixou de ter.

Cada vez mais, tem-se se configurado uma narrativa sobre a vivência desses momentos tão pouco falados, nas ocasiões em que se chega a produzir uma fala sobre isso, que se apresenta como um ritual de purificação do corpo e da alma. Simbolicamente, livra-se o indivíduo do incômodo de pesos inúteis e lembranças pegajosas. Não vemos os corpos, menos ainda os rostos dos que passaram, invariavelmente coautores de histórias que se produziram a partir de encontros – ainda que muitas planilhas e esquemas se esbocem para mostrar a diversidade das ligações amorosas, as trocas de pares e a plasticidade da rede.

De forma muito diversa ao ideário do amor romântico, cada vez mais deslocado como narrativa capaz de dar conta de nossa vivência amorosa atual, em que se supunha existir um encontro de almas, fazemos escolhas limitando a ação da engenhosidade do acaso, na medida em que passamos a manipular com mais habilidade dispositivos tecnológicos que nos

auxiliam a mapear nosso campo de escolhas possíveis e a tomar decisões baseados em critérios racionais⁶⁰, a exemplo dos sites de relacionamento, em que pautamos nossos encontros em perfis – elencos de gosto, hábitos e aparência.

Esvaziados de eternidades, otimizamos chances de contatos movendo-nos em redes, que sabemos, uma vez iniciados em um saber científico renovável, disparados por *nada menos do que hormônios*. Cremos na máxima de que *a vida é agora*, também porque menos protegidos por explicações de mundo transcendentais, e vemo-nos avançar em direção a um ceticismo generalizado, que se expressa, no que diz respeito ao amor, em sua abordagem sem os mesmos interditos do passado, mas com uma assepsia que lembra a de laboratórios e uma frieza típica de bisturis.

Declarações como a da atriz Aline Moraes, estampada na capa de *Quem Acontece*, de setembro de 2011 – “Preciso estar sempre apaixonada” – esbarram nas variáveis que têm passado a incidir sobre os relacionamentos, destituídos de seu regime de autoregulação espontânea e de seu estatuto de mistério, já que agora devassados para inspeções tecnocientíficas constantes. A frase deixa entrever tanto a busca por experiências intensas, preenchendo os instantes de histórias, como a autoreferenciação frente a uma vivência necessariamente compartilhada.

Não se faz menção a um outro, singular, com rosto, nome, identidade, em quem se projetam sensações e sentimentos, mas a um estado difusamente dirigido, que estabelece ligações a partir da necessidade de estimulação frequente. O parceiro amoroso, que se inscreve no corpo de seu amante como memória, alterando de forma irreversível o curso de seus movimentos e pensamentos, instalando e extinguindo hábitos, fabulando alquimias hormonais e desejantes, é visto, contrariamente ao que desperta, como algo que, uma vez minguada sua capacidade estimulante, pode ser removido. Ou simplesmente arquivado, num tempo em que, por excesso de informação, o acesso aos registros não imediatamente úteis é cada vez mais confuso.

O que (não) é possível dizer nos performáticos jogos amorosos dos célebres

⁶⁰ O processo de racionalização das relações íntimas seria resultante, em termos gerais, de acordo com Eva Illouz, “da ascensão de normas igualitárias no seio do casamento (sendo o credo feminista o principal defensor dessas normas) e do papel que o método e o léxico da psicologia passaram a desempenhar na compreensão da intimidade”. ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011, p. 50.

Não deixa de intrigar as narrativas sobre o amor que se passa a produzir quando somente casos ditos extremados de rompimentos merecem um destaque, no que diz respeito aos sentimentos *incontroláveis* em jogo – a elegância, quando não um certo sentimento blasé, parecem ser a regra no que diz respeito a interrupções de convivência e cortes de laços. Isso se observamos as produções discursivas incessantemente elaboradas acerca dos casais ou outras uniões amorosas de indivíduos célebres. Raros são os relatos, em publicações sobre suas vidas íntimas, que destacam comportamentos *destemperados*, pouco atentos ao que deles se dirá publicamente, como a marca das separações, ou a presença de falas confessionais atravessadas por sentimentos como angústia, medo, tristeza, desespero – sobretudo o desespero. Parece haver uma preocupação em ocultar a perda, rapidamente transformada em degrau rumo a uma nova conquista.

Mas além do zelo pela imagem, que se expressa na habilidade de se exibir portador de um dizer sobre si coerente e empático, há que se fazer menção à dificuldade de falar sobre o que interrompe a voz e instaura silêncios nas narrativas dos indivíduos, dificultando-lhes o acesso ao material com que esculpem suas faces e corpos performáticos. A ausência de uma fala sobre a dor envolvida em situações de perda – sabendo a “língua apenas vigia da angústia” (OLIEVENSTEIN apud POLLAK, 1989) – remeteria também a uma dificuldade narrativa, de busca de sentido e organização em palavras de experiências que fogem a elas. Ainda mais se espremida ante as exigências de boa performance, entre as quais a habilidade de refrear os sentimentos irrefreáveis, inclusive discursivamente. Não faz muito sentido, portanto, analisar essa variável, que parece constitutiva do humano, isoladamente, senão combinada com outras que a reforçam e a dotam de conformações singulares de nosso tempo.

Chama a atenção a construção de um cenário público invadido por narrativas íntimas que impelem a um silenciamento acerca de determinadas vivências, a partir de um reforço mútuo entre a preocupação com a imagem e a impossibilidade de traduzir em palavras experiências que levam à desorganização, que é tanto maior quando a troca de parceiros amorosos passa a se dar em intervalos cada vez mais curtos. Como nos aponta Pollak:

Existem nas lembranças de uns e outros zonas de sombra, silêncios, ‘não ditos’. As fronteiras desses silêncios e ‘não ditos’ com o esquecimento definitivo e o reprimido inconsciente não são evidentemente estanques e estão em perpétuo deslocamento. Essa tipologia de discursos, de silêncios, e também de alusões e metáforas, é moldada pela angústia de não encontrar uma escuta, de ser punido por aquilo que se diz, ou, ao menos, de se expor a mal-entendidos (POLLAK, 1989).

Os espaços temporais em que se está junto de um outro, limitados por uma urgência de vivenciar prazeres intensos e – curiosamente – desmedidos, são intercalados por breves lacunas de isolamento, quando chegam a se distender nesse sentido, em que os indivíduos se apressam em se afirmarem livres. Tanto de outros quanto de si mesmos. Dizer-se portador de um passado extenso e pouco enxuto poderia comprometer negativamente as investidas performáticas de um corpo em direção a outros, comprimir seus movimentos e ancorá-lo em territórios não conversíveis em informação, que caminha a uma crescente desterritorialização.

A experiência, em vez de munir o indivíduo de um saber depurado pelo tempo, pode lhe pesar as costas por um excesso de cautela ou por lhe abastecer de condutas inconvenientemente maduras, atrapalhando a busca e o embate com o desconhecido, pois, como nos lembra Benjamin, “o homem de hoje não cultiva o que não pode ser abreviado” (BENJAMIN, 1983, p. 206). Não importa tanto se, finda a luta, o corpo naufraga do alto de sua inexperiência, embora seja displicentemente econômico em narrar seu afogamento; importa se colocar numa posição de desafiar seus não saberes, explorando reações imprevistas e convocando soluções criativas.

Redes amorosas

Nas tramas que os encontros vão criando, à medida que se expandem, reticuladamente, e em meio aos desvios, encaixes e inconvenientes represamentos dos corpos, pequenos acervos de histórias de coabitações corporais são empilhadas sobre a pele, ademais de todos os outros órgãos de profundezas. Quando não imediatamente úteis nas tomadas de decisão, nas ações concretas que movem o corpo para fora de si mesmo, que o fazem rotacionar sua espinha dorsal e estalar os dedos dos pés sobre o chão, as bagagens de outros são destituídas de seu potencial de lembrança, via de acesso a algo capaz de provocar grandes deslocamentos de terra, dentro. É como se houvesse um desejo de perder as chaves de si mesmo, interditar atalhos, brechas e fendas que conectam o mundo compartilhado aos maiores, e insabidos, desertos interiores.

Inofensivos fios avermelhados de barba, como os narrados na voz da personagem Celine, uma vez lembrados, poderiam converter-se em foco de dor aguda, instalando imprecisões nos gestos talhados pela pressa, desadormecendo fantasmas e comprometendo o movimento. Um corpo que vive na lembrança, incapaz de esquecer, está impossibilitado de se deslocar e não chega a tocar, senão muito de leve, o presente; contrariamente, aquele que se

movimenta com ferocidade sobre, e entre, espaços, sorvendo-os na plenitude do instante, alcança somente as mais rasas camadas de suas memórias.

Esquemas de ocupação corporais e espaciais como o das redes – cujo “espírito é o da abundância e da permutabilidade” (ILLOUZ, 2011, p. 130) e nas quais os indivíduos veem ser erguidas a partir do microcentro de que são gestores uma trama compacta de mãos e braços sem donos, que amortecem suas eventuais quedas e deslocamentos bruscos –, dizem de uma outra forma de experienciamento da vida e de relação com tempo. O outro, presente e latente, próximo e previsto, convida a um incansável desbravamento das experiências em relação às quais seu corpo é apenas um portal. Ele é antes um sinalizador das vias de acesso a serem exploradas, a partir de infindáveis variáveis conectivas, incitando a um acúmulo de instantes profundamente habitados, do que lugar de paragem e desconexão, de remontagem do mundo.

Na mesma direção, a manchete da revista *Istoé Gente*, de novembro de 2011, estrelada por uma atriz cujos casos amorosos são frequentemente comentados em publicações sobre a vida íntima das celebridades: “Daniele Winits – livre para novas paixões”. No interior da revista, em que se observa a premissa da vivência de relações capazes de capturar por sua intensidade estimulatória – das quais não é possível se esquivar, a não ser vivendo-as; apenas se libertar, em favor de conexões futuras –, fica ainda mais evidente a ideia da liberdade como chave mestra que permite um acesso desinibido de um corpo a outros, sem justificativas transcendentais ou um subtexto moralizante. “Do que vivi são experiências, bagagem, felicidades adquiridas, cicatrizes às vezes. Nos meus dois casamentos, fui realizada como mãe e mulher. Deu mais certo do que para muita gente que continua casada. (...) Tanta gente que tem traumas. Eu não. (...) A gente está aqui para viver, ser feliz, esse é o intuito”.

Daniele enfatiza sua habilidade em transitar por relações sem ter que carregar o fardo de lembranças dolorosas, como se pudesse escolher entre ter ou não uma memória, ou filtrá-la, separando a experiência alegre da triste, a útil da que apenas ocupa espaço e consome energia, relegando a esta o não lugar do esquecimento – sabendo-se, como nos assegurava Freud, o “esquecimento uma forma de memória escondida” (HUYSSSEN, 2000, p. 18). Passado perdido? Ou vivência extraviada do corpo? Antes que acontecimentos vividos fermentem em passados, que arremessam pequenas âncoras sobre o presente, para fisgá-lo de seu obstinado e solitário caminhar em linha reta, o presente, soberano, ordena o passo, vendo passar a seu lado, como se dentro de um trem em alta velocidade, apenas o borrifar de águas e o movimento peristáltico de suas profundezas. De que matéria é feito o passado, que um dia

soubemos o arquiteto de camadas rochosas adensadas sob a pele, quando este é inibido de manifestar-se sob a forma de um cruzar de braços, um suspiro de angústia e um turvamento de olhos, tendo que exprimir-se sob o regime do novo e da criatividade?

A urgência de esquecer

Atravessando o século dos grandes traumas, nos quais a conjugação de guerras de proporções mundiais, de estragos humanos intraduzíveis, desencadearam novos e profundos mal-estares nos corpos e subjetividades, capaz de fazê-los reviver *ad nauseam* momentos perturbadores, passa-se a reivindicar o porte de passados menos pesados. O século XX, também o da libertação de corpos, sobretudo o de minorias historicamente oprimidas, e do questionamento de regimes de conduta pautados em rígidos preceitos morais de ordem conservadora, balizados por mandamentos religiosos e uma ética protestante do trabalho – transformações acompanhadas por sucessivas conquistas tecnocientíficas –, gerou as condições necessárias para o alcance de um estado (talvez apenas imaginariamente possível) de nudez da alma.

Passados remotos, de infâncias traumáticas que encontram via de expressão num sintoma muitas vezes inextinguível – não se sabendo “qual o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”⁶¹; hábitos herdados, repetidos por toda uma extensa linhagem baseada em contratos de sangue e bens materiais, limitadores de trocas sociais corpóreas e espirituais; verdades transcendentais, sob a forma de uma palavra cristã moralizadora, entre muitos outros regimes de atenção ao passado, têm passado por uma interminável trajetória de obsolescência. Assim como na voz de Daniele “tanta gente que tem traumas; eu não”, assiste-se, em pleno século XIX, em meio ao trânsito hiperacelerado de informações, a uma afirmação da impossibilidade de detenção do movimento através de rituais de desembaraçamento dos tentáculos do passado.

Em vez da obrigação de carregar e se haver com pesos mortos, cumprindo um destino de obediência e condutas adequadas, põe-se os interiores – antes misteriosos, hoje ligeiramente rastreados – para trabalharem em favor de sua própria desopilação e

⁶¹ Trecho extraído de uma carta de Clarice Lispector à sua irmã. “Até cortar os próprios defeitos pode ser perigoso. Nunca se sabe qual é o defeito que sustenta nosso edifício inteiro”. LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

adelgaçamento de entranhas. Mas, se como nos lembra Pollak, nem sempre “o esquecimento e o perdão se instalam com o tempo”, contribuindo o intervalo para “reforçar a amargura e o ressentimento” (POLLAK, 1989), como pode o passado *passar-se*, em resposta a essa temporalidade que nos ultrapassa no que impomos de limite à pressa?

A incerteza do amanhã, que desafia a um caminhar sobre corda bamba, deixando almas achatadas e abandonadas à própria sorte, faz do risco única certeza do corpo, que se prepara a cada dia para uma batalha inesperada. Submetido a uma disciplina caleidoscópica, sua resposta possível é a de se moldar, momento a momento, à sorte de um mosaico, criativamente arrancado dos (apenas aparentes) instantes impossíveis. Estimulado e amedrontado por um futuro que teima em lhe atirar sobre a face, zombeteiramente, um capote vermelho, instigando-o a ultrapassar todos os seus scores em corrida, o presente segue, implacável, à procura da sua melhor porção de passado. E a memória, “mãe amorosa de todas as mortes”⁶², em silêncio e sem palavras, lamenta a ausência de seus filhos, sequestrados de seus braços para algum futuro eterno, enquanto nos perguntamos sobre os fios avermelhados de barba, que não sabemos se perdidos em algum esconderijo de nós ou lamentavelmente nunca vistos.

⁶² Trecho V do poema Bonbonnière. BRITTO, Paulo Henriques. *Trovar Claro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

REFERÊNCIAS

BENJAMIN, Walter. “O narrador”. In: *Os pensadores*. São Paulo: Abril, 1983.

BRITTO, Paulo Henriques. *Trovar Claro*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

HUYSSSEN, Andreas. *Seduzidos pela Memória*. Rio de Janeiro: Aeroplano Editora, Universidade Cândido Mendes, Museu de Arte Moderna RJ, 2000.

ILLOUZ, Eva. *O amor nos tempos do capitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 2011.

LISPECTOR, Clarice. *Minhas queridas*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

POLLAK, Michael. “Memória, Esquecimento, Silêncio”. In: *Estudos Históricos*, 2 (3). Rio de Janeiro, 1989.

Revistas

ISTOÉ GENTE. São Paulo: Ed. Três, n. 637, 28 nov 2011.

QUEM ACONTECE. São Paulo: Ed. Globo, n. 573, 02 set 2001.

Filme

ANTES do Pôr do Sol. Direção: Richard Linklater. Produção: Richard Linklater, Anne Walker-McBay. Intérpretes: Ethan Hawke, Julie Delpy, Vernon Dobtcheff, Louise Lemoine Torres, Rodolphe Pauly, Mariane Plasteig, Albert Delpy, Marie Pillet. Roteiro: Richard Linklater, Julie Delpy, Ethan Hawke. Fotografia: Lee Daniel. EUA: Castle Rock Entertainment, 2004. DVD (80 min). Colorido.